

## A LITERATURA INDÍGENA NO PIBID CAP-UFAC: A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA COMO TERRITÓRIO DE TRAVESSIA DO LEITOR LITERÁRIO

QUEIROZ, Amilton<sup>1</sup>  
MAGALHÃES, João Vitor Chalub<sup>2</sup>  
OLIVEIRA, Franciele<sup>3</sup>  
SOUZA, Nicole<sup>4</sup>  
SANTOS, Sarah<sup>5</sup>  
MAGALHÃES, Gabrielly<sup>6</sup>

**RESUMO:** A comunicação discute o ensino de literatura indígena no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (CAp-Ufac). Seu objetivo é apresentar um relato de experiência da leitura literária dos poemas *Índio eu não sou*, de Márcia Kambeba. O percurso metodológico consistiu na leitura individual, coletiva e compartilhada do poema, na roda de conversa sobre alteridade, identidade, tradição e memória e práticas de reescrita dos poemas como territórios de resistência. Serão articuladas as reflexões de Graça Graúna (2013), Ailton Krenak (2022), Kaká Werá ((2024) e Luiz Rufino (2021). Os resultados da prática de ensino de literatura indígena apontam como as cenas, marcas e marcos literários ressignificados pela autoria de mulheres indígenas contribuíram para que tanto os(as) alunos(as) reconhecessem a função da literatura indígena na reconfiguração do sistema literário. As conclusões do trabalho sinalizam para o fortalecimento do ensino de literatura indígena na educação básica como esse lugar de confluências da literatura que circula na escola-universidade, encruzilhadas onde o giro da voz ancestral desenha outras zonas de travessia para a formação do leitor literário desde-além PIBID de Língua Portuguesa do CAp-Ufac.

**PALAVRAS-CHAVE:** PIBID; Ensino; Literatura; Indígena, Escrita.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras: Língua Portuguesa, Doutor em Literatura Comparada, Supervisor do Programa de Bolsas de Iniciação à docência (Pibid), no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre [amilton.queiroz@ufac.br](mailto:amilton.queiroz@ufac.br)

<sup>2</sup> Graduado em Letras: Língua Portuguesa, ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, [joaochalub590@gmail.com](mailto:joaochalub590@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Letras: Língua Portuguesa, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, [franciele.oliveira@sou.ufac.br](mailto:franciele.oliveira@sou.ufac.br)

<sup>4</sup> Graduanda em Letras: Língua Portuguesa, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, [nicole.almeida@sou.ufac.br](mailto:nicole.almeida@sou.ufac.br)

<sup>5</sup> Graduanda em Letras: Língua Portuguesa, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, [sarah.araujo@sou.ufac.br](mailto:sarah.araujo@sou.ufac.br)

<sup>6</sup> Graduanda em Letras: Língua Portuguesa, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, [gabrielly.araujo@sou.ufac.br](mailto:gabrielly.araujo@sou.ufac.br)



## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa, o estudo, o ensino-aprendizagem e a vivência da literatura indígena tem sido um dos horizontes de reflexão-ação-intervenção-reinvenção dos Estudos Literários, ao possibilitar diálogos e contrapontos necessários da teoria, crítica, história e comparatismo para abrir outras cenas da *práxis* intelectual, didática e crítica do professor de Línguas e Literaturas na educação básica e Superior.

Pesquisar, estudar, ensinar-aprender é, pois, ressignificar nosso modo de selecionar, abordar e conceber as literaturas indígenas como objeto de ensino nas aulas de línguas e literaturas, ao promover o contato, a vivência e a experiência estética dos(as) estudantes com a produção literária dos povos originários. Fazer isso significa não apenas reconhecê-los como intelectuais, militantes, escritores(as), mas também dar a ler os gestos de engajamento de um “nós-lírico” construído desde as escritas de autoras indígenas que articulam ancestralidade, memória e tradição como caminhos para reimaginar, situar e transgredir outros mundos possíveis.

Desse modo, este texto tem o objetivo de apresentar o relato de uma vivência discente-docente do ensino da poesia de Márcia Kambeba e Eliane Potiguara no primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, território de ensino-aprendizagem onde os(as) pibidianos(as) de Língua Portuguesa do *Projeto Possibilitando sonhos* têm atuado tanto na observação, planejamento e execução de propostas didático-metodológicas de como, por que e para que ensinar as literaturas indígenas quanto na revisão, releitura e reescrita do itinerário de organização do trabalho docente e seus desafios na promoção de uma educação literária referenciada, situada e pluriversa aos(as) alunos(as) do Ensino Médio.

Como professor-supervisor que atua nas fronteiras do ensino de línguas e literaturas – desde as africanas, afro-brasileiras, latino-americanas, amazônicas e acreanas -, acompanhar a trajetória de formação inicial dos futuros professores de Letras é, também, aprender a acolher, ressignificar e valorizar as agências críticas de pibidianos(as) cuja aderência indissociável dos atos de ler, analisar e interpretar o universo poético sinaliza para a importância do desenvolvimento de estratégias de abordagem da poesia na sala de aula.

Assim, organizamos nosso itinerário de reflexão-ação-intervenção desde as literaturas indígenas em três momentos. Isto é, essas considerações iniciais, nas



quais expusemos o tema e objetivo do texto. No segundo momento, fazemos o relato da vivência da leitura literária dos poemas *Brasil*, de Eliane Potiguara, e *Índio eu não sou*, de Márcia Kambeba. Finalizamos os escritos com algumas considerações finais sobre a função da poesia dessas duas autoras na reconstrução dos territórios de travessia onde os(as) leitores(as) das literaturas indígenas possam reconhecer o deslocamento da voz ancestral que atravessa tanto a poética das escritoras indígenas quanto a vida dos estudantes do ensino médio, licenciandos(as) e professor de Letras.

## 2 METODOLOGIA

O estudo, o ensino, a aprendizagem e o relato de experiência da literatura indígena de Márcia Kambeba e Eliane Potiguara foram realizados em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre no ano letivo de 2026, composta por 28 estudantes do gênero masculino e feminino, durante um mês de prática docente.

A metodologia usada para concretizar esse trabalho assumiu o caráter híbrido, isto é, consistiu tanto no enfoque teórico quanto prático, pois esteve contornado pela perspectiva bibliográfica de estudiosos(as) indígenas e a mirada vivencial dos bolsistas de Iniciação à docência. Por meio desse entrecruzamento de saberes, discursos e práticas, o relato de experiência constitui um caminho possível para desenvolver estratégias de planejamento, execução e avaliação das práticas de ensino de literatura indígena.

O tipo de pesquisa realizado foi natureza bibliográfica-vivencial, tendo como ponto de partida o cotidiano da sala de aula no componente curricular de Língua e Literatura do/no CAp/Ufac e a zona de confluência do diálogo semanal onde o supervisor de Língua Portuguesa e os(as) pibidianos(as) promovem o processo de ressignificação, reorganização e redefinição das abordagens da leitura literária do texto de autoria indígena na-além espaço do CAp/Ufac.

Os instrumentos usados para realização, coleta e análise das vivências da literatura indígena no ensino médio foram a observação dos(as) alunos(as), a leitura, análise e interpretação dos poemas, a roda de conversa com os(as) estudantes e a escrita do relato de experiências. As fontes literárias foram os poemas *Índio eu não sou*, de Márcia Kambeba, e *Brasil*, de Eliane Potiguara. As fontes teóricas foram as reflexões de Graça Graúna (2013), Ailton Krenak (2022) e Daniel Munduruku (2012).



Sendo assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica, teórica e vivencial dos(as) pibidianos(as) de Língua Portuguesa do *Projeto Possibilitando Sonhos*, apresenta-se, pois, o presente relato de experiência da prática de ensino e aprendizagem da literatura indígena de autoria feminina em uma turma do primeiro ano do ensino médio do CAp/Ufac.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas de ensino-aprendizagem da literatura indígena no CAp/Ufac têm sido realizadas a partir de 2014, quando o currículo da Língua Portuguesa desse estabelecimento de ensino foi reconfigurado desde a perspectiva de articulação da *práxis* da Lei 11.645/2008 no âmbito da Educação Básica da Universidade Federal do Acre.

O reconhecimento da literatura indígena como território de ensino e aprendizagem das linguagens, dentre elas a literária, contribuiu para que fossem trazidos à sala de aula outros modos de representação da cultura, memória e imaginário indígenas. Essa convivência e prática de leitura e significação da escritura indígena possibilitou, inclusive, não apenas o reconhecimento da oralidade enquanto um lugar de confluências entre culturas, mas também observá-la, senti-la e escutá-la como traço incontornável de nossa atividade como professores de Língua e Literatura na educação básica.

No primeiro ano do ensino médio do CAp, em 2026, o ensino da literatura indígena teve início com a leitura individual e silenciosa do poema *Índio eu não*, de Márcia Kambeba. Os(as) estudantes tiveram 20 minutos para ler o texto e, posteriormente, o professor fez a leitura coletiva em voz alta do poema de autoria indígena. Após esse momento, os(as) estudantes realizaram o levantamento da forma como o texto estava organizado (as estrofes e seus versos, sons e ritmos), bem como anotaram os momentos que lhes chamaram atenção no modo como o eu-nós lírico assumiu um ponto de vista crítico e situado da nomeação dos povos indígenas.

Em seguida, em forma de círculo, os(as) estudantes expuseram as primeiras leituras da escrita de Márcia Kambeba, ao destacar a organização do poema e temas como a força da denúncia, luta, resistência e voz indígena. Passaram, posteriormente, a discutir o peso de emprego de palavras como “índio, caravela, apelido, colonização e civilização”, apontando a necessidade de estar atentos aos sentidos e significados



da palavra oral-escrita como lugar de tomada de posição frente ao preconceito, intolerância e solidariedade ao outro.

Por meio desse movimento de escuta e reflexão sobre a função da literatura indígena, os(as) estudantes propuseram, conforme ensina Ailton Krenak (2020), algumas *Ideias para adiar o fim do mundo*, ao reconhecer como eu-nós lírico do poema reconstrói, de forma crítica, a trajetória de resistência dos povos indígenas. Uma história, como os estudantes puderam identificar, escutar e ressignificar desde o olhar e sensibilidade indígenas, marcada por desvios e silenciamentos que hoje têm sido trazidos à baila na reescrita da história dos povos indígenas.

Foi nesse momento de mapeamento das violências praticadas contra os indígenas que dialogamos com a perspectiva de Graça Graúna, para quem os “povos indígenas são vistos como um lugar utópico, uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos mais de 500 anos de colonização” (Graúna, 2012, p.15).

Em diálogo com esse pensamento crítico, passamos à análise e interpretação do poema *Índio eu não*, constituído por 6 estrofes. Identificamos, com os(as) estudantes, que o texto de Márcia Kambeba apresenta um eu-nós lírico que questiona, tensiona e relê os estereótipos produzidos sobre seu corpo, identidade e memória. Seu modo de fazer isso é por meio da palavra-escritura que busca enfatizar “O perigo de uma história única”, como destaca Chimamanda Adiche (2022), colocando o leitor diante de cenas da nomeação realizada pelo colonizador. Não à toa, o eu-nós lírico destaca não querer ser chamado de “índio porque esse nome nunca me pertenceu, nem como apelido quero levar um erro que Colombo cometeu” (Kambeba, 2022, p. 27).

Nessa perspectiva, avançamos na análise e interpretação da segunda, terceira, quarta e quinta estrofes do poema, ao reconhecer nelas a releitura e reescrita da história da colonização do corpo, memória e cultura indígena. Os(as) estudantes passaram, assim, a compreender o poema como lugar de inscrição política do eu-nós lírico, o qual não fica tímido na emissão de sua voz, ao contrário assume o caráter crítico diante das estratégias de marginalização, silenciamento e subalternização da cultura indígena.

Sendo assim, nosso próximo passo consistiu em problematizar que, ao retomar palavras como “Colombo, Índia, rota, apelido, bala, peito, grito, sangue, terra”, termos que sinalizam e aprofundam, os mecanismos de resistência ao pensamento



eurocentrado, o eu-nós lírico revisita, tensiona e promove uma leitura em contraponto das representações coloniais produzidas sobre as alteridades indígenas.

Noutras palavras, desenvolvemos, com os(a) estudantes, a perspectiva de que outros mundos habitam estes mundos, como quer Kaká Werá (2024). Isto é, identificamos, questionamos e desenvolvemos leituras que valorizassem a coexistências de olhares, vozes e orientações em diálogo e diferença, abrindo, por conseguinte, outras possibilidades de interação entre linguagens, culturas e imaginários.

O ensino do poema de Márcia Kambeba, nesse sentido, possibilitou ao(à) estudante reconhecer que a negação do chamamento de índio atua, assim, na direção de propiciar ao leitor outras versões da escrita da história dos povos originários, ao questionar a reprodução dos estereótipos e criar alternativas de recepção dialógica, testemunhal e sensível à diversidade e diferença de imaginários dos indígenas. Assim, passamos à leitura, análise e interpretação da última estrofe do poema:

“Índio” eu não sou.  
Sou Kambeba, sou Tembé  
Sou kokama, sou Sataré  
Sou Guarani, sou Arawaté  
Sou tikuna, sou Suruí  
Sou Tupinambá, sou Pataxó  
Sou Terena, sou Tukano  
Resisto com raça e fé (Kambeba, 2022, p.27)

O eu-nós lírico elabora seu lugar de pertencimento plural às etnias, ao abrir um mundo de possibilidades poéticas, políticas e históricas de escritura da voz, olhar e imaginário indígena. Essa abertura à diversidade e diferença de culturas torna o poema um território de ressignificação e movência dos saberes, memórias e alteridades, conferindo ao(à) estudante-leitor(a) do ensino médio alternativas para vivenciar e experienciar um ensino de literatura indígena como instância política, poética e intercultural, de modo a fissurar os projetos de uma sala de aula monológica e, de fato, aberta à polifonia dos imaginários dos(as) leitores(as) em diferença e diversidade na educação básica.

Após a análise e interpretação do poema, os(as) estudantes foram divididos em dois grupos, compostos cada um por 12 integrantes. A finalidade dessa divisão foi organizar, ensaiar e apresentar uma leitura coletiva do poema *Índio eu não sou*, de



Márcia Kambeba. Os grupos tiveram 15 minutos para planejar e executar a leitura com ritmo, cadência e vivacidade no que estava sendo lido, escutado e performado. Cabe destacar que esse procedimento esteve em diálogo com a orientação de que “descolonizar é um ato educativo que parte da capacidade de lutar incansavelmente pela dignidade dos viventes, pela diversidade e pelo caráter inconcluso das coisas” (Rufino, 2021, p.36-37).

Os dois grupos fizeram suas apresentações, por meio da leitura coletiva do poema, o qual foi diligentemente declamado pelos estudantes, que demonstraram uma desenvoltura e apreço à projeção da voz, o movimento do corpo e clareza na dicção. A próxima etapa da atividade foi a realização da roda de conversa sobre a vivência da leitura individual e coletiva do poema, oportunidade na qual os(as) estudantes ressaltaram a importância desses momentos para que pudessem interagir mais entre si e vivenciar a potência da palavra ancestral na literatura indígena. Os(as) 28 estudantes se posicionaram positivamente quanto à leitura, análise e interpretação do poema de autoria indígena, ao mesmo tempo que solicitaram o acesso a mais textos da literatura indígena na-além sala de aula.

A roda de conversa foi crucial para os(as) estudantes acessarem, questionarem e se posicionarem sobre os estereótipos produzidos acerca dos povos indígenas, articulando o pensamento crítico para reconhecer, denunciar e intervir no contexto das desigualdades sociais, políticas e violências físicas e simbólicas praticadas contra os povos originários. A conversa a respeito da alteridade, tradição e memória produziu o desejo de aprofundar o contato com as literaturas indígenas, aprendendo a lê-la, senti-la e divulgá-la como território de pluralidade de mundos, além de acionar o anseio dos(as) estudantes para a escrita de textos poéticos nos quais pudessem assumir, disseminar e ressignificar seu ponto de vista como produtores(as) de literaturas na-além escola.

Assim, o passo seguinte do trabalho com a literatura indígena foi a proposição da escrita de um poema de autoria dos(as) estudantes do primeiro ano do ensino médio, os quais ainda estão em processo de escrita e devem ser concluídos até o final de abril de 2026, quando serão expostos, declamados e performados pelos(as) estudantes da turma 102, no Sarau lítero-musical do CAP.

Desse modo, os resultados e discussão do ensino de literatura indígena, por meio do poema Índio eu não sou, encontraram-se na vivência de estudantes que, além de assumirem a leitura como prática de humanização, aprendizagem e



reconhecimento de sua alteridade, realizaram a roda de conversa como lugar de confluências, tomadas de posição e diálogo com a escritura indígena.

Desde a leitura do poema, a conversa sobre ele e a adoção da escrita como um modo de se contrapor às violências, aos silenciamentos e às marginalizações praticados contra os povos indígenas, os(as) estudantes tomaram, vivenciaram e disseminaram, pois, a poesia de Márcia Kambeba como territórios de travessia do leitor literário na-além Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As conclusões deste trabalho sinalizam em direção à necessidade de reconhecimento, fortalecimento e ampliação do ensino de literatura indígena na educação básica como esse lugar de confluências e contrapontos das leituras, escritas e ressignificações dos(as) estudantes.

Ler, ensinar e aprender o poema de Márcia Kambeba é, pois, reconhecer a atividade docente como esse território de mediações, agências e intervenções críticas. O modo como os(as) estudantes leem, questionam e se posicionam diante das injustiças sociais, políticas, literárias e culturais praticadas contra os indígenas apontam para a importância da leitura literária, da roda de conversa e da escrita como pontes de ação e colaboração para promover um ensino de literatura mais sensível às diferenças.

Por isso, relatar a experiência da leitura da literatura indígena no CAP-Ufac foi esse movimento de abertura ao outro, aprendendo a realizar uma escuta ativa dos textos literários e recepcionar as vozes, o que dizem, como dizem e para que dizem os(as) estudantes que tomam a literatura indígena enquanto esse território de travessia para o leitor literária na-além educação básica.

#### **5 AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), da Universidade Federal do Acre (Sede) e do Colégio de aplicação da UFAC – CAp. Nosso agradecimento aos bolsistas de Iniciação à Docência e aos alunos da escola.



## REFERÊNCIAS

GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

KAMBEBA, M. **Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RUFINO, L. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.